

Duquesne University

Duquesne Scholarship Collection

Antologia Espiritana

Anthologie Spiritaine

5-1-2010

08. ZELO MISSIONÁRIO E VIDA RELIGIOSA COMUNITÁRIA, Ao P. Boulanger, Pároco de Santa Maria da Gâmbia

Christian de Mare CSSp

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/anthologie-spiritaine-portuguese>



Part of the [Catholic Studies Commons](#)

Repository Citation

de Mare, C. (2010). 08. ZELO MISSIONÁRIO E VIDA RELIGIOSA COMUNITÁRIA, Ao P. Boulanger, Pároco de Santa Maria da Gâmbia. Retrieved from <https://dsc.duq.edu/anthologie-spiritaine-portuguese/108>

This VI is brought to you for free and open access by the Anthologie Spiritaine at Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Antologia Espiritana by an authorized administrator of Duquesne Scholarship Collection.

8. ZELO MISSIONÁRIO E VIDA RELIGIOSA COMUNITÁRIA

Ao P. Boulanger, Pároco de Santa Maria da Gâmbia ³¹⁶

Nesta carta ao P. Boulanger, missionário na Senegâmbia, o P. Libermann explica os princípios duma sábia administração dos recursos financeiros. Depois revela uma preocupação que se vai tornar constante nos últimos meses de sua vida: preservar a unidade da Congregação ameaçada pelo zelo apostólico dos missionários que opõem a urgência da missão ao respeito pelas estruturas religiosas da comunidade.

13 de Novembro de 1850

Bom padre Boulanger,

Há muito tempo que lhe não escrevo, e agora sinto necessidade de o fazer mesmo não tendo nada de especial para lhe dizer. Acabo de escrever uma longa carta a D. Kobès em que lhe falo dum conjunto de coisas úteis e importantes. Decerto que ele lhe vai contar tudo, pelo que não preciso de as estar a repetir. Tenho, no entanto, de abordar consigo uma dessas coisas, um assunto de dinheiros, para lhe dizer que vocês fizeram passar bastantes maus bocados ao P. Briot com as vossas faturas, que pareciam bombas a cair em cima dele. Fiz saber a D. Kobès que a Propagação da Fé não parece disposta a alargar-se em generosidade. A ajuda prevista este ano para a Guiné é a mesma do ano passado. Estes senhores pretendem que os missionários façam muito, gastando pouco. Essa ideia foi-me transmitida, de forma diplomática e delicada, numa simples frase, inserida numa carta do Sr. Choiselat³¹⁷. Espero, se eles tiverem uma boa receita, conseguir mais alguma coisa, mas não muito.

A conclusão a tirar destas infelizes premissas é que é preciso economizar; mas fazê-lo de maneira que nem vocês aí fiquem doentes, nem se deixe morrer o noviciado à fome.

Pobre noviciado! Como se poderá aguentar se vocês não vierem em sua

³¹⁶ ND XII, pg. 462-469.

³¹⁷ Choiselat, Gallien: nascido em Provins em 1784; fabricante de sinos; tesoureiro do Conselho Central da Propagação da Fé, Paris; falecido a 11 de Maio de 1853 (cf. Ami de la Religion, t. 160, pg.158).

Congregação do Espírito Santo

ajuda? Contávamos este ano com 8.000 francos, que nos livros do P. Briot até já figuravam na conta da Guiné; eram-nos devidos ainda mais seis mil, já à conta do próximo ano, quer dizer, como parte dos 50.000 francos, de que 20.000 já se foram, incluindo os 8.000 acima mencionados. É mais ou menos este o total de títulos vendidos pelo P. Gaultier para pagar as vossas faturas. Se os 8.000 francos não nos forem restituídos, as nossas reservas neste ano irão diminuir. Se no próximo ano não recebermos subsídios, será pior ainda; e se dentro de dois ou três anos não encontrarmos um meio de subsistência, não teremos mais nada, ou quase nada, a não ser o encaixe feito no Seminário de Paris com as pensões dos alunos, a renda proveniente do aluguer da casa ao fundo do pátio e da outra que está ao lado, e algumas pensões dos confrades, o que, tudo junto, talvez não chegue a 10.000 francos; o nosso noviciado iria passar muito mal. Neste momento, temos perto de trinta estudantes, dez noviços, doze ou catorze irmãos. Com os diretores, mais o Belga e os operários, faz cerca de 60 pessoas. Conto com 24 a 25.000 francos de despesas. A missão de Bourbon não tem nada para nos dar, a da Maurícia esqueceu-nos e construíram capelas que os deixaram com uma dívida de 6.000 francos às costas.

Não quis dar todos estes detalhes a D. Kobès, com medo de o deixar muito aborrecido; já lhe disse bem que chegue sobre esta questão financeira.

Mas esqueci-me de lhe dizer uma coisa, e peço que lha transmita como um esquecimento meu. As Irmãs de Castres deviam enviar três irmãs para África. Mas, como estas irmãs não puderam partir com o P. Arlabosse, a sua superiora escreveu-me a pedir se eu tentava que o Ministério lhes desse as passagens. Mas porque, pouco depois da partida do P. Arlabosse, eu soube do descontentamento da Propagação da Fé, também porque temia uma diminuição dos recursos, e porque, além disso, estava preocupado devido ao que já se tinha gasto do novo subsídio e com muito medo que chegassem ainda mais faturas para pagar, que pusessem a descoberto ainda mais dívidas, não ousei deixar partir as irmãs. Assim, aconselhei a superiora a adiar a partida, dando-lhe como pretexto essa espécie de processo que você tinha com a casa das irmãs de Dakar, e a incerteza em que se estava sobre o montante da ajuda da Propagação da Fé para este ano. Peço-lhe que em meu nome dê esta informação a D. Kobès; é bom que ele o saiba e eu, nas próximas semanas, talvez não tenha nenhuma oportunidade de lhe escrever.

Também falei a D. Kobès das medidas a tomar para manter a união entre

Antologia Espiritana

as comunidades da Guiné e as outras comunidades, e sobretudo com a Casa Mãe. Estou persuadido que o clima africano tem a sua quota-parte de influência no espírito de suspeição, nas falsas ideias que alguns dos nossos caros confrades alimentam a nosso respeito e nesta espécie de suscetibilidade que os põe facilmente contra nós. No entanto, temos de conseguir estabelecer esta união e até mesmo esta coesão das comunidades da Guiné connosco; só nesta condição é que o Espírito de Deus estará no meio de nós. Os missionários da Guiné não têm por que ser, acima de tudo, os homens da Guiné; têm de ser, antes de mais, os homens de Deus e da Igreja; como membros da Congregação à qual Deus os confiou, e à qual estão ligados com toda a afeição de suas almas, são encarregados, por ela, da salvação das almas da Guiné, enquanto nela perseverarem por graça de Deus. Mas, tanto na Guiné como em qualquer outro sítio, os missionários são membros do corpo a que Deus os ligou. Esta coesão, e até mesmo a simples união de corações, não poderá existir, se a Guiné vier em primeiro lugar, e a Congregação se tornar uma coisa secundária. O que se diz em relação à Guiné pode dizer-se em relação a cada uma das nossas outras missões; se em cada uma se estivesse sempre disposto a considerar a Congregação como coisa secundária e pronto a sacrificá-la ao interesse da sua missão, a Congregação ficaria feita em pedaços, e dentro de pouco haveria tantas sociedades particulares quantas as missões, tendo aquelas em comum só o nome e os regulamentos, que não ficariam de pé por muito tempo.

Não sei, exatamente, em que ponto se está na Guiné a este respeito, só me pude aperceber disso, ou melhor, ficar com alguns receios, a partir de alguns sintomas. Os erros que alguns confrades nos atribuíram, ou seja, a ideia errada que se formaram sobre o interesse que dedicamos à missão e sobre vários outros pontos; a facilidade de alguns em se indisporém connosco, em andarem a suspeitar coisas que nunca existiram e a perder o tempo com isso; a falta de relatórios que os superiores devem enviar-me; a inexistência de relações amigáveis entre os confrades da Guiné e os seus antigos confrades e diretores daqui; o mau efeito que, de acordo com os PP. Gravière e Ronarch, produziram as minhas cartas dirigidas às comunidades, todas estas coisas não são prova, mas são indícios, sintomas, inspiram receio e incitam-nos a trabalhar para se chegar a um bom entendimento e a esta união perfeita.

A origem do mal, se é que o mal existe, poderá estar em certas ideias erróneas ou conclusões inexatas tiradas de premissas verdadeiras. O fim que se

Congregação do Espírito Santo

tem em mente ao entrar na Congregação é a missão; a própria Congregação não tem outro fim senão o apostolado e só existe para a manutenção e a santificação dos missionários: portanto, a Congregação é secundária.

A isso respondo. O fim essencial da Congregação é o apostolado; os que a ele se consagram são nomeados por ela, de acordo com o seu fim, os seus projetos e o seu espírito, para as missões que lhe são confiadas pela Santa Sé. Donde se segue que todos devem entregar-se ao trabalho, no campo que lhes foi designado, com zelo e fervor, mas dentro da Congregação, de acordo com as perspectivas dela, os seus projetos e o seu espírito: por isso, a Congregação não é nem poderá ser secundária; a ligação à Congregação é essencial e deve estar em primeiro lugar; fizemos votos na Congregação e não na missão; assim, os laços para com a Congregação são para sempre, enquanto que a ligação à missão dura só enquanto se estiver lá. A ligação prioritária tem que ser com a Congregação, o que não obsta a que haja uma afeição muito grande, uma dedicação total e um zelo extraordinário para com a missão. Estou convencido de que se não conseguirmos estabelecer este princípio, dentro de quinze anos a maior parte dos missionários andarà à deriva e os seus trabalhos não serão abençoados por Deus.

É incorreta a seguinte posição de confronto: uma vez que foi da Santa Sé que os vigários apostólicos receberam os seus poderes, a missão não só é deles como deixa de ser da Congregação. Na sequência desta posição acontece, por vezes até inconscientemente, haver quem se torne o homem do vigário apostólico e deixe de ser o homem da Congregação, criando assim uma divisão em duas partes, sendo uma a do vigário apostólico, e outra a da Congregação, vindo aquela em primeiro lugar, e esta em segundo. Há aqui erros graves, que me parecem extremamente perigosos, não só para a Congregação, mas também e mais ainda para a missão, que acabaria por ter missionários à deriva e por entrar em choque com a Congregação. O primeiro erro é que a missão não é retirada à Congregação, mas continua confiada a ela; é o que se conclui da linguagem correntemente usada pela Propagação da Fé; nunca me dizem missão de D. Bessieux, mas missão da vossa Congregação. Depois da demissão de D. Barron confiou-se esta missão à Congregação; foi a instâncias minhas e a meu pedido que nos concederam um bispo, tal como antes, tinha sido também a meu pedido que se tinham contentado com um prefeito; a escolha do vigário apostólico foi-me confiada exclusivamente a mim e escolhi-o entre os membros da Congregação. Mas a Santa Sé não se demite nem pode demitir-se

Antologia Espiritana

da sua autoridade direta sobre a missão; só a Propagação da Fé dá os poderes direta ou indiretamente; só ela tem a administração e a direção da missão, e confia esta administração e direção ao vigário apostólico, tanto para o espiritual como para o temporal. No fundo, isso vem a dar no mesmo, como se ele tivesse sido a priori encarregado da missão e tivesse depois pedido à Congregação que lhe desse seus membros como colaboradores; os poderes e a autoridade que tem sobre os missionários, em tudo o que tenha a ver com o trabalho deles, são os mesmos. Mas desta ideia de que a missão pertence ao vigário apostólico e que a Congregação não está encarregada dela resultariam as deploráveis consequências que receamos para a Congregação e para a missão.

O segundo erro é a divisão em duas partes: dum lado a missão, do outro, a Congregação. Há nisto algo de tão grave e de tão pernicioso, que temo bem que o demónio ande metido nisso, a fundo, para insinuar e incutir pouco a pouco esta ideia em todas as mentes. Veja bem, este raciocínio é muito simples: ou os missionários se ligam todos ao vigário apostólico, como já acontece, ou haverá dissidências inevitáveis; o demónio, uma vez que tenha conseguido espetar lá a sua arma, não vai deixar de as criar. Se os missionários ficarem todos ligados ao seu chefe de missão, desligar-se-ão da Congregação, fazendo assim as duas partes mencionadas e, como já vos disse, o espírito da Congregação ressentir-se-á disso e, por ricochete, a missão.

Se, depois, houver alguns missionários descontentes com o vigário apostólico, farão desta ideia (a das duas partes) uma excelente arma para causar confusão, para dividir os missionários, para provocar desavenças entre a missão e a Casa Mãe e para todo o tipo de entraves ao vigário apostólico. Não preciso de vos desenvolver o meu pensamento: vós próprios sois capazes de entrever, por vós mesmos, a sua força e importância. Por aqui se vê o quanto é importante que, ao invés, os missionários não se alimentem senão de perspectivas de unidade, e esta unidade devem poder vê-la na Congregação a que pertencem; ponha-se completamente de parte a distinção entre os bispos e a Congregação: os bispos são uma coisa só com a Congregação de que fazem parte; eles estão à frente da missão de que Congregação está encarregada. O missionário não deve objetar, deve só obedecer ao bispo e aos superiores.

Por isso penso que é da maior importância que vós, os principais missionários, juntos com os nossos reverendíssimos bispos, vos apliqueis a fazer esquecer aos confrades da Guiné toda e qualquer distinção deste género; fazei

Congregação do Espírito Santo

também com que as suas conversas nunca sejam em desfavor da Casa Mãe ou dalgum dos seus membros e que os seus preconceitos se desfaçam e desapareçam; que não suspeitem de nós coisas em que nem sequer pensá-mos. Que não pensem que nos interessamos pouco pela missão; este erro que me foi apontado por alguém, é absolutamente descabido. É necessário inspirar-lhes o amor e o interesse pela Casa Mãe; e que este interesse que eles têm por ela, seja um interesse de afeição. É necessário comprometê-los todos a escreverem aos seus confrades daqui, umas vezes a um, outras a outro, que haja abertura de coração, que dêem notícias da missão; nós responder-lhes-emos e contar-lhes-emos o que se passa aqui, e esta comunicação, impregnada de caridade, não deixará de produzir bons frutos.

Pode ter a certeza, caríssimo confrade, que me preocupa muito este assunto; Deus nos abençoará se estivermos bem unidos; mas se não estivermos, Ele não nos abençoará. Desta união depende a salvação ou a ruína da Congregação.

Gostaria que os reverendíssimos bispos e os missionários compreendessem, quanto eu, a importância desta perfeita união e trabalhassem por ela com todo o zelo que Deus nos pede. Aqui tudo vai bem. Finalmente, o P. Hardy deixou-nos; o P. Gaultier está contente, e o Seminário vai bem. Os candidatos são poucos, mas muito piedosos e cumpridores. Para conseguir isto despedimos uns quinze e admitimos quatro na condição de partirem com os bispos das colónias. No Gard tudo vai bem também.

Teria muitas mais notícias a dar-vos, mas não tenho tempo. Nos próximos dias vou fechar-me para começar a escrever aos nossos caros confrades das missões. Daqui em diante vou ficar mais livre e vou escrever todos os meses algumas cartas. Espero assim pôr em dia a minha correspondência com todos.

Todo seu em Jesus e Maria.

F. Libermann, padre

Estou muito ansioso por receber notícias; há muito que as não tenho, nem do Gabão nem da Senegâmbia.